

Banditismo: o feitiço vira-se contra o feiticeiro

N. 17/7
84

— comentário da AIM

Terça-feira da semana passada três técnicos da companhia de construção sul-africana «Muray and Roberts», foram atacados por bandidos armados na estrada Ressano Garcia - Maputo.

Os três técnicos — Alpheus Sekgoitse, Frank Nyalungu e Eckson Mhlanga — vinham a Maputo contratados pela companhia «Rennies» para efectuar reparações em guindastes do porto.

Segundo uma fonte da «Rennies» os três técnicos deixaram Ressano Garcia cerca das 15.45 horas. Eles viajavam numa carrinha Toyota da «Rennies», na junção do despachante da companhia, sr. Vemos, e de dois motoristas sul-africanos — Solomon Motoboli e September Mofokeng — que tinham ido à fronteira exclusivamente para irem buscar os três técnicos.

A sul da Moamba, a carrinha foi mandada parar por 8 homens armados. Nas bermas da estrada havia uns dez a doze homens, igualmente armados.

Os ocupantes da carrinha foram mandados apressar-se e os bandidos começaram a roubar-lhes todos os haveres que tinham.

A certa altura, surgiu um camião com três ocupantes na cabina. Os bandidos dispararam sobre o camião, matando uma mulher e uma criança. O condutor do camião foi gravemente ferido mas sobreviveu ao atentado.

Logo a seguir, apareceu uma viatura ligeira que também começou a ser alvejada pelos bandidos. Aproveitando-se da confusão, Vemos e September escaparam-se para o mato, tendo o primeiro conseguido alertar as autoridades mais tarde.

Os três técnicos sul-africanos e Solomon Motoboli foram levados pelos bandidos, tendo marchado cerca de quatro horas, após o que foram mandados regressar, apenas com a roupa que tinham vestido.

No mesmo dia, e no mesmo local, foram atacados dois homens de negócios sul-africanos — Munnik Herzog e Kobus Meiring — que saíram de Ressano Garcia cerca das 16 horas. Presume-se que a sua viatura vinha atrás do carro ligeiro que ao ser atacado permitiu a fuga de Vemos e September.

Segundo a imprensa sul-africana, os dois homens de negócios conseguiram escapar porque viram a tempo o que se passava uns metros à

frente, e porque um soldado das FPLM que os acompanhava no carro abriu fogo contra o grupo de bandidos. Os dois chegaram a Komatiport sem ferimentos mas o carro foi alvejado com sete tiros de automática.

Estes acontecimentos estão ligados a uma conferência de imprensa dada o mês passado em Lisboa por um cidadão português de nome Jorge Correia, cujas ligações com o terrorismo em Moçambique são auto-proclamadas.

Nessa conferência de imprensa, Correia disse que homens de negócios sul-africanos que se deslocassem a Maputo não devem ter a veleidade de usar o automóvel. Não os deixaremos passar».

Mas esta ameaça deve ser relacionada com acontecimentos recentes dentro da própria África do Sul.

Segundo fontes sul-africanas, um fazendeiro sul-africano foi morto recentemente na sua fazenda no Leste do Transvaal por homens armados, tendo as autoridades sul-africanas chegado à conclusão de que o assassínio fora obra da chamada Resistência Nacional Moçambicana.

Também recentemente, militares e civis da vila fronteiriça de Ressano Garcia informaram em Maputo terem notícias de combates dentro do território sul-africano, perto da fronteira com Moçambique, e que se presume tenham sido tropas sul-africanas e bandos do MNR.

Segundo essas fontes, as forças sul-africanas chegaram a utilizar helicópteros nos combates.

De uma forma muito clara, o feitiço vira-se contra o feiticeiro.

Durante anos, o Governo sul-africano ajudou a criar, e depois organizou e dirigiu, um monstro cuja prática quotidiana tem sido o terrorismo mais abjecto visto até hoje na África Austral.

O corte de orelhas, lábios, narizes e seios, os massacres de camponeses e de passageiros de autocarros e comboios, a pilhagem e destruição de comida, a violação de menores, e outros crimes idênticos têm caracterizado o terrorismo dos bandidos armados em Moçambique. E,

portanto, um terrorismo de desestabilização pura, sem objectivo estratégico que não seja o de impedir o Povo moçambicano de se desenvolver.

Hoje, este terrorismo vira-se também contra aqueles que o criaram e dirigiram.

No dia 16 de Março deste ano, o Primeiro-Ministro da África do Sul, Pieter Botha, assumiu perante a comunidade internacional, o compromisso de retirar o apoio sul-africano ao banditismo armado em Moçambique.

A reacção de algumas forças na África do Sul foi negativa. Essas forças opuseram-se ao Acordo de Nkomati, e é possível que elas mantenham ainda ligações com os bandidos e fomentem acções com as actuais contra cidadãos sul-africanos. Seria uma forma de pressão sobre o Governo de Pieter Botha para este retomar a estratégia de desestabilização militar contra Moçambique.

Pieter Botha e Roelof Botha arriscaram politicamente a sua própria liderança do Partido Nacional ao enveredarem pelo caminho que a história lhes deixava aberto: um acordo de não-agressão com Moçambique. Caso o acordo não traga resultados a curto e médio prazos para a economia sul-africana e em crise, os dois líderes do Partido Nacional verão as suas posições enfraquecidas.

A opinião dominante entre observadores em Maputo é a de que tais forças continuam relacionadas quer com os bandidos armados, quer com os grupos portugueses que em Portugal têm servido de fonte de publicidade para as acções dos bandidos.

Essas forças, segundo se crê em Maputo, estariam, interessadas precisamente na criação de condições para um ataque frontal a Pieter e Roelof Botha.

Entretanto, uma fonte próxima do Governo moçambicano disse à AIM que as autoridades moçambicanas vêem com crescente desagrado a continuação das acções propagandísticas do banditismo em Portugal.

Esta actividade de propaganda e de rumores sucessivos tem contribuído, inclusive, para lançar o pânico entre portugueses que têm familiares ou amigos a viverem em Moçambique.

Recentemente teve ampla divulgação em Lisboa a notícia falsa de que a cidade de Maputo «tinha sido bombardeada» pelos bandidos. Vários portugueses, residentes nesta cidade receberam telefonemas das suas famílias em Portugal que estavam afixas por causa de tais «bombardeamentos».

Por outro lado, causa muita estranheza em Maputo que, numa altura em que os órgãos de soberania portugueses debatem uma lei de segurança interna, se permita que uma pessoa como Correia, cidadão português, venha a público ameaçar: de morte portugueses residentes em Moçambique. Já anteriormente esse e outros cidadãos portugueses, apresentando-se como «porta-vozes do MNR», tinham reivindicado o assassínio de portugueses em Moçambique.

Na conferência de imprensa referida atrás, esse elemento declarou: «deixamos aqui um aviso claro a todos os cidadãos estrangeiros: não devem circular nas estradas de Moçambique». Tais cidadãos, incluindo os portugueses, são considerados «valiosos militares» e «como tal serão tratados».

Isto, em termos muito directos, é uma ameaça contra os portugueses que em Moçambique não o melhor de si para apoiar o progresso do Povo moçambicano. E a ameaça de terrorismo é em si um acto terrorista.

Comentando estas afirmações, um membro do Governo moçambicano disse à AIM: «as nossas Forças de Defesa e Segurança continuarão a dedicar grande esforço na defesa da vida e bens dos cidadãos estrangeiros residentes em Moçambique. O nosso Partido e Governo e o nosso Povo valorizam muito a cooperação desses cidadãos estrangeiros de todas as nacionalidades».

Referindo-se especificamente à cooperação com Portugal, este membro do Governo moçambicano disse: «não é o banditismo que vai provocar uma ruptura entre o nosso Povo e o Povo português. Nós queremos uma cooperação frutuosa e duradoura com o novo Portugal e foi precisamente isso que o Presidente Samora Machel foi dizer ao Povo português na sua visita a Portugal o ano passado».